

De Antíteses e

P

a

r

a

d

o

x

o

s

Márcio B S



Não poderia deixar de dedicar este livro ao Trêseus,
visto que, em ambos, suas origens e finalizações
artísticas parecem estar estranhamente interligadas.
Dedico também à Rose, meu amor eterno.

02/05/0116 (o anti-soneto)
À Espera do Inesperado
Azul, Azul, Azul... (ou amargo simbolismo forçado
desprovido de sentido)
A Genealogia do Homem-Árvore
Queimada
Sombreado
A Livre Borboleta Histórica
Metafisicando Megalomaniacamente
A Sabedoria Sádica do Sadismo Sábio
O Enfarte e a Infame Arte
F
Claríssima
Apocalypse?
Trava-língua Bem Trovado
Escravo
Rumo à Estação Perdida
Graves
Aura Negra
Cronos
Show
Masiquismo Esclarecido
Luto
A Ignorância Sofrida
Cacofonia
Any Day
Sob a Bênção da Loucura
Quando 5 anos se passam...
Desembarque

02/05/0116 (o anti-soneto)

A vida pela vida, nada mais!
Não só o fulgor que com ela jaz
Quando a terrível morte a subtrai

A vida em toda a sua beleza
Expressa em sua fértil natureza
Quero senti-la, abraçá-la e amá-la!

Vida nova em um novo calendário
Ambos nascidos de um estranho filósofo
Aquele que merece vida longa e próspera
Apesar de morto ainda fica o propósito

“Deus está morto” disse Nietzsche
“Nietzsche está morto” falou Deus
E assim ambos ficaram quites
A morte no nada e a vida no eu

À Espera do Inesperado

Como é estar à espera
Daquilo que não se espera?
A espera do Inesperado
Já é um fato consumado?

A paciência é uma virtude
Da qual eu mesmo fui privado
Sinto toda a magnitude
Do seu poder ainda não revelado

A meditação me deixa em paz
A filosofia me abstrai
A música me distrai
Mas a angústia sempre me trai

O melhor é relaxar!
Beber uma cerveja no clima de um bar
Afastar a morte dos pensamentos
Dar liberdade aos seus sentimentos
Aproveitar a vida com intensidade
Antes disso que a insanidade
Deixar de lado todos os tormentos
Talvez assim melhore o tempo

O tempo... Tempo estranho!
Porque não para de chover?
Quero enfrentar todos os meus medos
Mas com essa chuva quem vai se atrever?

**Azul, Azul, Azul... (ou amargo simbolismo
forçado desprovido de sentido)**

Pela grama azul do céu
Infernizando a vida tranqüila
Cavalga a irascível nuvem
Trovejando sua raiva reprimida

É água, é vento, é vida
Vida latente que nutre vida
Vida mutante e fim da vida
Relâmpago cortante no fim da avenida

Nem sempre branca, serena e calma
É geada má e névoa na estrada
No negrume da noite é o negro fantasma
Um terror ascendente, uma louca enxurrada

É atraso na vida de uns
Alegria na vida de outros
Negligente, se importa com poucos
Montaria de homem nenhum

É espírito livre da natureza
Sem freio, sela ou correia
Mas é vítima do hábil domador:
O sol que a laça sem temor

Tempestade, frio, nuvem enfurecida
O Granizo: coices sem misericórdia
Vento e raio: um espasmo de agonia
De quem morre, mas não vive uma derrota

Quão persistente é o domador experiente!
E quão teimosa é uma nuvem assim raivosa!
Mas no duelo entre o invencível e o indomável
Vence o invencível e doma-se o indomável
O espírito livre vira escravo
Por enquanto ficará no novo estábulo

A Genealogia do Homem-Árvore

A causa primeira da primeira coisa
O homem sem o nome e o sobrenome
Origem mesmo da palavra “origem”
A coisa cuja sede é de outra fonte

É primitivo e também evolução
A fome e própria saciação
É vida, mas também seu guardião
Um sábio e ignorado velho monge

Habitante do profundo verde escuro
Filho do rei Sol com a pobre Terra
É vida equivalente a muitas eras
A curta história do homem é seu minuto

De mãos dadas à nossa árvore genealógica
Sob os olhos do avô do conhecimento
Passeia em paz o nosso ent querido
Cuidando de quem só lhe traz aborrecimentos

Queimada

No meio da verdejante relva
Uma antítese oculta se revela
Para além da ilusão da refrescante brisa
O fogo de cinco sóis alimenta-se de vidas
Violetas, rosas e laranjas verdes viram cinzas
Ao som de um blues a vermelha terra roxa ferve
E a chama, que se chama Chama, chama o fogo
Gritando aos berros para quem não deve
Inventa sua própria poesia a partir de outra
Pois a chama nada cria e tudo transforma
Mas o fogo que ela conquista nem se importa

“Metanol é fogo que arde sem se ver
Causa ferida que dói e não se sente
É queimadura de terceiro grau na gente
Uma dor sem ter mais nervos pra doer...”

Bêbada de tanto álcool ela dança
E o fogo, também “de fogo”, cai na sedução da chama
Enquanto a terra em sua dor se contorce
A chama e o fogo pela mata inteira correm
Em devaneios alucinados os dois giram
No fogo da paixão e no calor do amor destrutivo
A chama, que se chama Chama, geme
E o fogo, que ficou “de fogo”, treme
O ar se torna rarefeito
Sobre um inesperado lençol fazem seu leito
Mas a terra é desacostumada de orgias
E logo, sentindo náuseas, vomita
O lençol vaza como uma ducha de água fria

A chama se apaga, o fogo se extingue
E a mata volta mais verde no outro dia

Sombreado

Dia a dia, passo a passo, pela noite ou pelo dia
Há passos que me seguem como uma estranha companhia
Sob o sol ou sob a lua ou numa tarde melancólica
Uma sombra sempre espreita na bela paisagem bucólica

Nos caminhos iluminados é meu fiel guardião
Apenas uma coisa teme: a profunda escuridão
Um estranho paradoxo, pois da escuridão se forma
Mas também sou feito de água e assim mesmo ela me afoga

Sempre muda e obscura, silenciosa e contemplativa
Reflete os mais vivos reflexos das reflexões da minha vida
Não sei se sou eu que a imito ou sou por ela imitado
Pois ela é um pedaço do nada e eu um nada em pedaços

É um recorte no manto do sol
Uma mancha no branco lençol
Das areias do meu pensamento
Sempre viva, é o eterno movimento

Companheiros da mesma agonia
Carregamos juntos esse fardo
Viveremos sempre em sintonia
Apesar de nunca nos falarmos

A Livre Borboleta Histórica

O que significa o “histórica” sem isto?
Uma pessoa a se tornar histórica
Que ama seus amigos como filhos
Que não distingue os hábeis em retórica
Daqueles cujo olhar é pensativo

Dotada de um carisma natural
E de um charme que a muitos conquista
Desperta em todos algum sentimento
De amor, atração ou alegria

Por que somente a pura histeria?
Aos olhos de espíritos estéreis
Que vêem só a úlcera e fobias
Só pode se tratar de mentes débeis
Se não lhe enxergam a boa companhia

Poderosa e livre como as borboletas
Ela voa... Voa para longe
E não há rede que com ela funcione
Pois são todas frágeis ou obsoletas

Possui o seu próprio mundo
Um mundo de flores exóticas
No qual eu, talvez, não me inclua
Mas ainda vago em sua órbita

O que seria a histórica sem sua ótica?
Ainda uma pessoa excelente, eu suponho
Pois não são as opções que dizem que somos

Dizem apenas o que somos em sua lógica categórica
Desconsideram a viva marca de nossa triste história
Histórias diferentes, no entanto parecidas
A dela gera obsessão, a minha melancolia

As borboletas agora têm sua beleza
Não são somente coisas horríveis vivas na natureza
São agora significados num sonho em minha vida

Metafisicando Megalomaniacamente

Eu deus? Meu Deus!
Se eu fosse Deus seria até ateu
Mas se Deus fosse eu seria judeu
Segundo afirmam seus próprio devotos
Pra que eu seja deus eu preciso de votos
Votos de castidade que são votos válidos
Pois votos nulos são votos quebrados
Mas só pra ser santo não preciso de fiéis
Preciso é de grana e assinar uns papéis
Pois se Deus criou a luz
A igreja criou pus

Se eu fosse Deus voaria
No meu carro onipotente
Equipado com o primeiro motor
Que Aristóteles tinha em mente
Mas já que eu não posso ser Deus
E só posso mesmo ser eu
Já fico bem mais que contente
Se for o meu próprio senhor

A Sabedoria Sádica do Sadismo Sábio

É impossível crescer sem sofrimento
É preciso rasgar a pele que reveste o sujeito
É preciso deixar a mente escapar do seu invólucro
É preciso deixar pra trás tudo que o deixa satisfeito

É preciso deixar morrer a criança
Amarrá-la ou cortar suas asas
É preciso se preocupar com um mundo
Que não se preocupa com nada

É preciso digerir a idéia de que tudo é perecível
É preciso comer insetos verdes durante as refeições
Pois deve alimentar-se de esperanças e não de emoções
Um alimento que causa azia e é pouco nutritivo

É preciso morrer de dor e viver sempre sorrindo
É preciso tornar-se escravo do trabalho e de seus vícios
É preciso fazer escolhas para depois se arrepender
Pois o acerto só é possível se com erros aprender

É preciso desfazer-se de seus gostos
E gostar apenas do que dá desgosto
É preciso tornar-se independente
E viver uma vida auto-suficiente
Mesmo que isso o deixe doente
Numa debilitada solidão indiferente

Porque sem tudo isso não é possível crescer
Não sem os obstáculos que o forçam a se desenvolver
É preciso se expor por vontade à angústia e ao perigo
E a eles sobreviver ou viver enlouquecido

O Enfarte e a Infame Arte

A arte imita a vida
E a vida imita a arte
O homem foi à Marte
E trouxe sua parte
Mas qual não foi a sorte
Do homem que foi forte
E teve só o enfarte?
A vida lhe fez arte

F

Atlas é ele e salta
A lua, a da terra, arretada, aula
A títere F roda, a dor fere titã
À ferro martela, a letra morre fã

Claríssima

Clara, clara como cristal
E tão delicada como tal
Em sua mão um diamante
E em seu rosto um olhar distante

Clara, clara como o dia
Em sua mente uma idéia fixa
Tal qual um risco brilhante
Que corta a neblina fria
E torna tudo inconstante
Nas trevas além do dia

Clareira na mata densa
É fogo que ornamenta
A clara água cristalina

Clara, clara como branca orquídea
Que em sua serenidade
Não vê quem a verifica
Alheia a sensibilidade
Do poeta que a cristaliza
Pensando na sua ausência
Transforma-a em viva presença

É luz do meio-dia
Tão clara, brilhante e viva
Anima a minha existência

Apocalypse?

No verde me perco
No ouro passeio
No rosa descanso
No branco me encanto

No verde eu adentro
E um mundo contemplo
O bom é meu mal
Delírio fatal

O verde é meu lago
O ouro, meu pasto
O rosa é meu lar
E branco o luar

No ouro eu vago
Em campos cevados
Movidos ao vento
Num doce momento

És o fim da minha vida
A supernova luz apocalíptica
O prisma dos meus olhos te separa
Em vários tons de cores adoradas

O rosa é o meu recanto
Alívio pro meu pranto
Minha fonte revigorante
Que leva-me tão adiante

E o branco, meu pacífico branco
É o meu belo amanhecer
E nesse horizonte o teu ser
Admiro em meu encanto

Pois verdes são os teus olhos
Dourados os teus cabelos
E em meio a teus lábios rosados
Branco é o sorriso que vejo

Delicio-me com tuas paisagens
E navego no mar da tua mente
Sempre contemplando a tua imagem
Vago pelo teu mundo alegremente

Trava-língua Bem Trovado

A aranha arranha a jarra
E a jarra arranha a aranha
Arrhenius lacra a jarra
A jarra que encerra a aranha
Mas a aranha arredia
Enreda-se na jarra estranha
Amarrando-se com sua garra
Na sua amarra de aranha
A aranha se agarra à jarra
Arranha a jarra e se arranha
Pois Arrhenius derruba a jarra
Arrebenta-se a jarra da aranha
Dos farelos da jarra de barro
Corre agora pra fora a aranha
E a aranha vai à forra
Com a raiva em suas entranhas
A aranha crava suas presas
E a perna de Arrhenius sangra
Mas a aranha é surrada e morre
Com um murro Arrhenius a arranca
Escorrendo a secreção negra
É coberta com a gaze branca
Arrhenius varre a jarra quebrada
E com os restos da jarra enterra a aranha

Escravo

Sem vontade própria: um nada
Uma marionete, um fantoche
Uma simples máquina

Sua própria mente um buraco
A caixa craniana vazia
Sem cérebro, apenas nós e laços

Pelas cordas nervosas de seu sistema
Desanimado é posto em pé e animado
Pois nessa pobre criatura não vêm problemas
E se vêm, este é o último a ser sanado

E a solução? Só um breve descanso
Nenhuma verdadeira providência é tomada
Por que força-se o seu uso para tanto
Se esta ferramenta é inadequada?

Um escravo é apenas um escravo, mais nada!

Rumo à Estação Perdida

Futuro...
Uma palavra nebulosa
Tal como um tiro no escuro
Ou a ausência da próxima hora

Como um habitante do vácuo
Vago em meio a expectativas
De possibilidades infinitas
Sem saber o que virá do outro lado

Seguindo sempre em frente nessa ferrovia
Numa locomotiva movida à cafeína
Com a mente cheia de loucos motivos
Não chego nunca a um lugar circunscrito

Pois o futuro é sempre futuro
Está sempre à frente e nunca se faz presente
Até que o trem descarrile pro fundo
Do nada profundo do mundo inconsciente

Graves

Flores belas
Pintadas em tela
Com tinta a óleo
Impressionam meus olhos

Reprodução surreal
De um eu introspecto
Você é real
Ou um sonho sem nexo?

Vi-te passar
Ouvi-te tocar
Dois breves momentos
Pra longos sentimentos

Num rápido dedilhar
Por escalas descendentes
Tocada e Fuga de Bach
E você já estava ausente

Não pude te acompanhar
Em seu solo surpreendente
Mas após pouco me explicar
Num slide eu fui em frente

Mas demorei pra encontrar
A nota que entre tantas estava
E quando eu fui te achar
Num acorde você se fechava

Pelo pavor de um erro
Somente o silêncio então
Deixei pra outro dia o dueto
Pra segunda a apresentação

Aura Negra

Campo negativo
Corrosão de partículas positivas
Particularidade alternativa
Repulsão de corpos vivos

A distância é mantida
Ninguém adjacente
Espaços tão somente
Silêncio na partida

Parado a portas fechadas
Por tudo subjugado
O tempo todo gasto
Andanças solitárias

Olhar inexpressivo
Da mente flutuante
Flutua o mentalizante
Expresso do olhar perdido

O solitário andante
Gastado seu tempo útil
Submisso é julgado em tudo
Fecha portas paralisantes

Parte então o silêncio
Tão somente espaçado
Desde já ninguém ao lado
Mantido o distanciamento

Vida corporal repulsiva
Alternativa particular
Do positivo, parte ao corroído
Negativista campo no ar

Negra aura

Cronos

Muito tempo de espera
Pouco tempo de folga
Pouco tempo é uma hora
Muito tempo, uma era

Muito tempo na escola
Ou nas ruas escuras
Muito tempo de chuva
Gotejando faz horas

Pouco tempo pra obras
Ou passatempos felizes
Que passam tempos infelizes
No pouco tempo que sobra

A areia movediça parte
Amontoando-se num ritmo lento
O qual o relógio da o andamento
Tic, tac, tic, tac, tic, tac...

O brilhante quartzo pulsa
Dançando ao ritmo da música
A bateria acrescenta energia
Os minutos e as horas dão a melodia

Parte o homem desenfreado
Atropelando o próprio tempo
A agenda lhe dirige a contento
No seu dia todo planejado

Fica o outro desencorajado
Caminhando sob o relento
Com experiência prevê o tempo
Olhando para o céu nublado

Mas já na primeira badalada
Num dia tudo havia mudado
O desencorajado teve a vida planejada
Quando um homem foi, por fim, atropelado

Dessa forma mesma age o deus do tempo
Divertindo-se ao nos ver contrariados
O que poderia eu dizer nesse momento?
Pobre de nós que à morte somos fadados!

Show

Eu um espectador
Espero com expectativa
O inesperado espetáculo
Com a esperança exprimida

Assisto extasiado
Contemplando da primeira fila
As emoções em ardor
Serei o próximo artista

Exibido no palco da vida
Sou eu um amador
A crua cria que cria
Reciclo toda a minha dor

Cansado, mas renovado
Anestesiado pela euforia
Sacio minha fome de aplausos
Sou desenho, música e poesia

Após todo esse furor
A paz de mim irradia
Sou de novo espectador
Transbordando de expectativa

Voltando à primeira fila
Assisto ao novo espetáculo
Quem será o próximo artista
No palco em busca de aplausos?

“O salário é ruim, mas a gente se diverte!”

Masquismo Esclarecido

O amador ama a dor
Ama-a o amável amante
Admira-a mais que a um diamante
De diâmetro extenso presente

Pois a arte é a dor pungente
Que o pequeno e inquieto infante
Congela num vivo instante
Driblando o seu vil temor

E disposto mesmo a se expor
Sem teoria se põe a pratica
Admirável é a sua mágica
Vinda do fértil inconsciente

Sua arte é a arte da dor
Do sofrimento da mente paciente
Que a tudo acata pacientemente
Num profissionalismo amador

É então prisioneiro do amor
Deste amor, dolorido amor
Que chicoteia como um açoite
E com seis cordas segura a noite

Num espetáculo belo e bizarro
Que satisfaz a um público sádico
A cada indivíduo apreciador
Ouvidos e olhos onipresentes

Conectam-se, então, todas as mentes
Numa abstração de pensamentos
Em que um representa duzentos
Cultistas do baixo mundo
Espíritos de um eu profundo
Anticonstitucionalissimamente sós

Luto

Luto pelo quê?
No luto não luto
Escondo-me no escuro
Ó negro luto!

Enlutados não lutamos
Enlutados a sós ficamos
Só ficamos sós
E o que era “nós”
Agora é somente “eu”
Desfizeram-se os nós
Algo se perdeu

Adeus! Adeus!

A Ignorância Sofrida

Esfaqueado e esmagado
Desagregado da essência
Em vidro trancafiado
Imobilizado em transparência

Numa ácida experiência
Num flagelo despedaçado
Sou imerso em puro álcool
Que queima num ardor gelado

No frio que me é reservado
Recebo o gelo impessoal
Duas vezes ao cubo elevado
Destila-se a essência do mal

Mas por fim tudo acaba
É doce meu último momento
Num espasmo sou trespassado
O metal é a causa do meu tormento

Então, vem a descida: despenco
Num redemoinho, por um escuro túnel, escorro
E o que jaz do meu antigo corpo
Vai ao ácido, cai no fosso
Então, estou morto? Estou morto!

Cacofonia

Ouçã o fone:
Som infame!
A sua nota soa
Em cacos ressoa suja
Escuta... Agora notas?
Estrangula-a com suas cordas
E ainda quer boas notas?
Amador músico, não amas música!

Any Day

Eu aqui, ela lá
Ela ali e eu cá
Cá entre nós: estou melhor!
Mas me sinto infeliz
Sinto-me só
Pois hoje aqui fico
E ontem ali ficamos
Conversas cheias de farpas
Qualquer dia nos encontramos!
Qualquer dia em um futuro incerto
Tão imprevisível quanto ela
Num ponto qualquer dos infinitos dias
Não devo mesmo ficar na espera
A negação como expressão do não
São meus sentimentos que estão em questão
Resquícius jogados num grande buraco
A desintegração de uma grande ilusão
Dias confusos... Dias mutantes...

Sob a Benção da Loucura

Isso aconteceu quando eu nasci:
A Loucura me beijou a testa e disse “seja feliz!”
E desde então fui diferente
Esquisito, mas também inteligente
Com uma imaginação viva e criativa
Absorto em idéias até o fim da luz do dia
Com os olhos fixados no teto branco
Uma tela onde quem dorme pouco está sempre projetando
Perdi-me nos mistérios da vida
Sempre pensando mais do que vivendo
E por vezes, por evitar sofrer, sofrendo
Preso em contradições todas minhas

Então chegou o dia em que cresci
E a Loucura me falou “se vira guri!”
E desde então um longo caminho tenho percorrido
E só pouco tempo percebi que corri em círculos
Mas evoluí voltando pro mesmo lugar
Tentando ser outros descobri que tenho que ser eu
E sempre que volto a Loucura abraçar
Ela me diz: “força filho! você conseguirá!”
E me faz acreditar que eu sou Deus

Quando 5 anos se passam...

Pessoas vêm e vão
Em primaveras florescem
Vai-se a estação
Permanece a ligação
Quando, em comum, surge um ponto de união

Em mundos paralelos
Encontros casuais
Criam-se elos
Alguns eternos
Outros sazonais

Momentos esculpidos
Imagens registradas
Retratam-nos o vivido
Traçam os nossos caminhos

Espíritos unidos
Que convivendo em grupo
Transcendem o indivíduo
Encontram-se no escuro

Quando, então, mutuamente se ajudam
Quando percorrem sua jornada juntos
Ou seguindo diferentes rumos
Quando cinco anos se passam

Desembarque

Chegamos ao final, à última estação
Nos trilhos o trem vai parando
E todos desembarcando
Percorremos um longo caminho
Divididos em vagões distintos
Às vezes éramos grupos, às vezes indivíduos
Porém, rumamos na mesma direção
Seguimos a linha do tempo para além da ilusão
Chegamos ao futuro, ó maravilhoso porto inseguro!
À terra de nossos sonhos
Seguiremos caminhos estranhos
E estranhos entre nós, seremos
Mas todos unidos num só pensamento
De que este não seja o final
Teremos longa vida profissional
Pois seremos vidas em uma profissão
De início perdidas em meio à confusão
Mas essa inquietude será nosso motor
Que nos fará prosseguir a todo vapor
E aprenderemos com nossos erros
Crescendo com nossos acertos
Tornando-nos humanos melhores
Aos tornarmos os humanos melhores
Em sigilo colaboraremos
E eventualmente nos reuniremos
Pois nos encontraremos nas dificuldades
Mais do que nunca nas afinidades
Estaremos em toda parte
Acolhendo o sofrimento
Desenterrando tormentos

Dissolvendo conflitos
Libertando gritos
Usando instrumentos de exploradores da mente
Chegaremos às raízes, seremos pacientes
Mergulharemos, sem temor, no profundo inconsciente
Até nosso último fôlego presente

Márcio Beckman de Souza



Meio fechadão, meio maluquinho. Filósofo do cotidiano. Mergulhador do inconsciente. Guerreiro medieval do século XXI. Poeta das horas vagas.

Nasceu e viveu a infância em Bacabal – MA. Passou pelas crises da adolescência em São Luís – MA. Migrou para Pouso Alegre – MG no início da idade adulta, lá permanecendo até o presente ano (2008).

marciobass@gmail.com

Do IMAGINÁRIO ao REAL

Este aglomerado de folhas, escritos, poesias, idéias ou o que quer que seja, representa a própria transitoriedade do ser humano, neste caso, eu. Como livro ou livreto, ou outra palavra que defina o conceito, ele é uma ponte de papel que começa na “Dissociação” e leva “Ao Mundo Inverossímil”, unido as antíteses conflitantes e, muitas vezes, paradoxais. Como obra poética, é tão imaginativa que, talvez por isso mesmo, demandou um tempo infundável para ser manifestada na realidade e, assim, tornou-se a terceira a ser acabada.